

Concurso fotográfico

11

II Concurso Fotográfico da Semana de Geografia da Unicamp – homenagem a Bertha Becker

“ Sempre procurei juntar a teoria com o empírico com a pesquisa de campo –
Bertha Becker, em 2010

O **II Concurso Fotográfico da Semana de Geografia da Unicamp** homenageia Bertha Koiffmann Becker, que faleceu no mês de julho de 2013, aos 82 anos. Relembrando a atuação da geógrafa, foram muitos aqueles comentaram a importância que dava ao campo em suas pesquisas.

O objetivo do concurso, portanto, foi apresentar ao público fotografias que descortinem o olhar dos geógrafos, divulgando as pesquisas e trabalhos dos participantes da **IX Semana de Geografia**, bem como os trabalhos de campo realizados em disciplinas dos cursos de Geografia do Brasil e, ao mesmo tempo, valorizar a sensibilidade que atravessa os estudos geográficos.

12



Instantes de Bertha Becker em campo (Fotos: Hervé Théry)

A escolha de estudar Geografia

Outra influência importante foi da minha irmã Fany Davidovich, que fez o curso de Geografia e muitos trabalhos em Geografia urbana. Ela me contava as histórias das pesquisas do [Francis] Ruellan, que ela participava, pelo Brasil afora. E aquilo me tocou profundamente, porque eu já tinha aquela vontade de andar pelo mundo, de conhecer o mundo, de abrir fronteiras. Quando ela me contava das excursões, dos trabalhos de campo do Ruellan, eu vibrava. — **Em entrevista à revista Ateliê Geográfico, em 2010**

A importância do trabalho de campo

Uma das minhas influências foi Francis Ruellan [1894-1975], professor de geomorfologia. Era um professor muito exigente, que gostava de carregar seus alunos para o campo. Ele me chamava de sua secrétaire de misère – secretária de miséria –, porque eu fazia todo o trabalho maçante de preparar o material para as viagens, mas eu adorava! – **Em entrevista a Ciência Hoje, em outubro de 2010**

Eu ia para o campo – e sempre fiz pesquisa de campo, é uma característica da minha formação; sempre procuro ligar teoria e prática, ainda mais em um país como Brasil, onde as coisas mudam do dia para a noite. – **Em entrevista a Geosul, em 2007**

Eles acham que ciência humana não é ciência, que tudo tem de ser medido, com equações e modelos. Mas eu, que trabalho na Amazônia há 30 anos, não posso deixar de ir a campo para ver o que se passa. Porque ali muda todo ano, com uma dinâmica incrível. Tenho de ter cuidado com esses modelitos estratosféricos. Modelo é importante, mas tenho que ir a campo, preciso conhecer o que se passa em vários lugares da Amazônia para poder fazer uma generalização. Converso com diferentes atores sociais, desde o peão até o governador do estado, os pecuaristas e o produtor familiar. Não vejo como captar as tendências de mudanças na Amazônia se não for lá e reconhecer a diversidade. – **Em entrevista a Pesquisa FAPESP, em agosto de 2004**

A ênfase então atribuída à pesquisa de campo e a minha participação nas excursões como secrétaire de misère do professor Ruellan e nas do professor [Hilgard O'Reilly] Sternberg me permitiram efetuar o reconhecimento de diversas partes do território, inclusive a problemática do Nordeste numa excursão de um mês em que percorremos todo o estado do Ceará. Mas a pesquisa de campo teve uma importância maior. Ela me introduziu nas bases de uma metodologia geográfica que reputo de grande valor, constituindo uma herança que incorporei também definitivamente na minha prática acadêmico-profissional. — **Em seu memorial para o concurso ao cargo de professora titular no Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFRJ, em 1993**

Sobre Bertha Becker

Muito da importância e sucesso de seu trabalho se deveu a seu método de atuação, que unia, como raras vezes se vê, a teoria à pesquisa de campo. Para conhecer a fundo a Amazônia, por exemplo, ela ouvia todos os grupos sociais, como índios, caboclos, ribeirinhos, trabalhadores urbanos, empresários, Igreja e governo. Com isso conseguia ter uma visão ampla das demandas, mudanças e problemas da região. – Nota da SBPC em homenagem à professora emérita da Universidade Federal de Rio de Janeiro, referência mundial na área da geografia política

Entre o IBGE, a UGI, o Itamaraty, ou o ensino no Instituto Rio Branco, o PPG7, a ANPEGE, o Macrozoneamento da Amazônia Legal, a Academia Brasileira de Ciência, o Trabalho de Campo, Brasília e o mundo formou-se a geógrafa que se inquietava com as ideologias da ciência, da tecnologia, da questão ambiental, da globalização e do Estado, apontando criticamente as ações de submissão e as estratégias de autonomia para o desenvolvimento do território brasileiro. – Nota de pesar da diretoria da ANPEGE

Bertha Becker era apaixonada pela Amazônia, região que ela escolheu para estudar e que dedicou a maior parte de sua carreira. Era incansável em seus trabalhos de campo, suas análises profundas sobre o território amazônico e o papel das cidades, e seus projetos para a região. Bertha sempre esteve preocupada em associar a ciência que fazia com políticas públicas. – Ima Célia Vieira, do Museu Paraense Emílio Goeldi

Era uma coisa sensacional. Apesar de conhecer muita teoria, viajar e fazer conferências no mundo inteiro, a Bertha sempre adorou trabalho de campo: levar a garotada lá para o fim do mundo, para a Amazônia. Às vezes o pessoal ficava sem fôlego e ela, já avançada na idade, arrastava a rapaziada toda para conviver nas cidades, entrevistar os comerciantes locais, os agricultores, os empresários... Isso é que é energia renovável! – Carlos Minc, deputado estadual do Rio de Janeiro e ex-ministro do meio ambiente

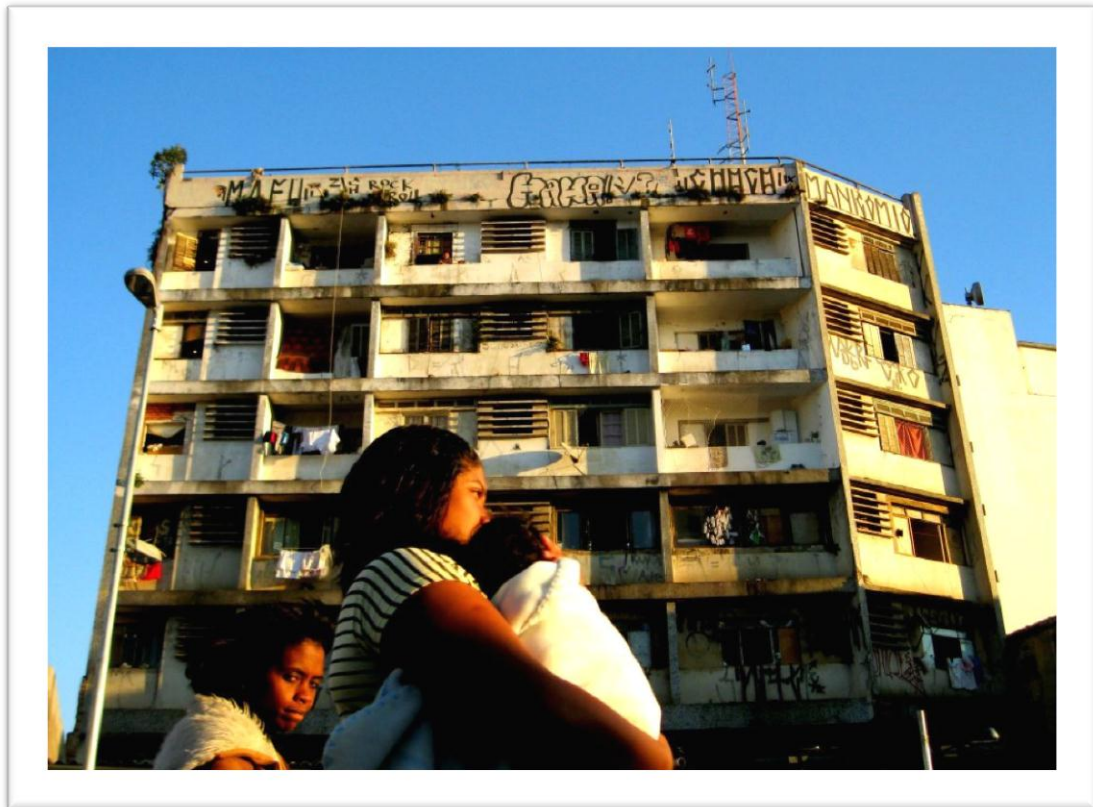


15

1º lugar | Infância #2, por Gustavo Teramatsu

Era Sábado. O menino, ao pé das escadarias do Morro da Providência, primeira favela do Brasil, interrompeu seu trabalho e, fazendo pose, pediu uma foto. Rio de Janeiro, trabalho de campo da disciplina Planejamento Territorial, novembro de 2012.

16



2º lugar | Ocupação e ocupantes – Mauá 2012, por Iago Vernek Fernandes

A foto foi tirada em frente à “ocupação Mauá”, localizada ao lado da Estação da Luz [em São Paulo – SP], em um show da banda Quilombrasa (da qual sou integrante), que foi parte de uma ação social promovida por pessoas que pesquisam o local. O prédio foi ocupado em 2007 e permanece como símbolo da resistência dos pobres. A Mauá é exemplo da frase “a periferia está no centro”. Qualquer visita ao local vira trabalho de campo a partir do momento em que se pisa dentro do prédio. Toda teoria geográfica vira prática ali, a partir daquela porta.

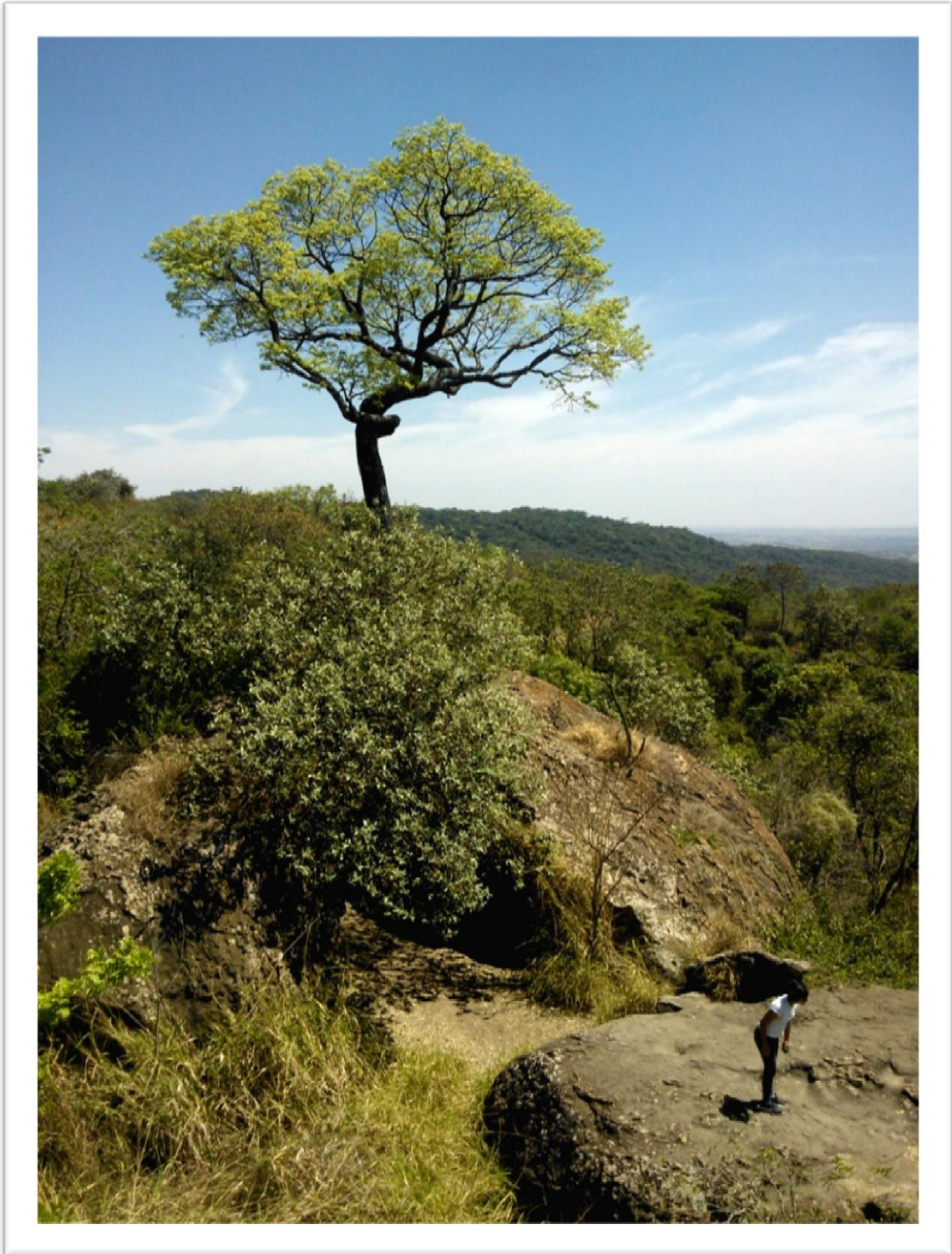


17

3º lugar | Tradição e Conexão nas Pequenas Cidades da Amazônia, por Viviana Mendes Lima

Cidade de Ponta de Pedras, Pará, em 11/07/2013. A paisagem urbana, típica de uma cidade ribeirinha da Amazônia, expressa a adaptação dos moradores ao ambiente de várzea, além das casas de palafitas e antenas de TV digital, que nos proporcionam perceber o tradicional da Amazônia ribeirinha e o meio técnico-científico-informacional. Projeto: “Cidades pequenas do Estuário do Rio Amazonas e sua importância para os fluxos econômicos e redes sociais”, financiado pela FAPESP e pelo CNPQ.

18



4º lugar | Serra de Araçoiaba (SP), por Cauã Guilherme Miranda

Topo da Serra de Araçoiaba, em Iperó (SP), no dia 15/09/2013, disciplina de Trabalho de Campo, que, além da beleza natural, é local em que se encontra o monumento dedicado a Varnhagen, primeiro historiador do Brasil e filho do dono da Fazenda Ipanema, palco da primeira fábrica de ferro do país.



5º lugar | Apresentação do Boto-Cor-de-Rosa em disputa cultural no Çairé - Vila Alter do Chão (PA), por Mariana da Silva Lima

Participação cultural em viagem de campo a Santarém (PA), na iniciação científica “Particulados atmosféricos na região do baixo Tapajós, Amazônia”. Boto-Cor-de-Rosa em disputa cultural no Çairé, um festival folclórico e religioso que resgata o lendário amazônico. Foto tirada em 15/09/2012.

19



5º lugar | Geografia: A arte de enxergar além, por Brunna D’Luise Turato Lotti Alves

Viagem de campo realizada na disciplina Trabalho de Campo, no dia 14 de setembro de 2013, para o Assentamento Elizabeth Teixeira. A foto foi tirada utilizando filtro de imagem para mostrar a realidade vista de um outro ângulo.